

## Conclusão:

O processo de pesquisa bibliográfica sobre os precursores do simbolismo remeteu-me a um horizonte de novos questionamentos. A teoria filosófica de Ernst Cassirer caracteriza o símbolo como o elemento fundamental para o exercício do pensamento e para todo progresso da cultura humana. Identifica-se alguns conceitos da obra freudiana como estreitamente ligados à noção ampla de simbolismo desenvolvida por Cassirer. Os conceitos de representação de coisa e representação de palavra, representante pulsional, traços mnêmicos e a ampliação posterior do conceito de fantasia inconsciente sugerem uma função primordial do funcionamento psíquico: a transformação das experiências emocionais e sensoriais em símbolos.

O funcionamento psíquico que emerge das experiências corporais e de um mundo sensorial foi foco de estudo de alguns autores pós-freudianos. Melanie Klein interessou-se pelos aspectos primitivos da vida psíquica. Segundo ela, a experiência humana no início regida pela “lei das selvas” deverá percorrer um caminho até que atinja uma “lei da cultura”. Alguns fatores serão motores deste psiquismo primitivo, tal como as frustrações fisiológicas e a ansiedade que impulsionam o bebê no sentido de uma busca de substitutos para o objeto original e de uma exploração do mundo a sua volta. O simbolismo se constitui a partir das identificações primárias que a criança faz entre os órgãos de seu corpo e seu funcionamento com os objetos à sua volta e, assim, com base no erotismo corporal há um investimento libidinal em direção ao mundo e seus objetos.

No decorrer deste processo, distinções entre realidade externa e realidade interna, e entre *self* e objeto deve ter ocorrido, permitindo a estruturação de fronteiras psíquicas. “A instalação da

“lei da cultura” coincide com o momento de reconhecimento do objeto como outro sujeito desejante, autônomo e semelhante, a base da sociedade humana” (Cintra e Figueiredo, 2004). Este é um processo que se dá no contexto intersubjetivo no qual o afeto possui papel fundamental. Apenas na presença de um interlocutor atento, interessado e sintonizado emocionalmente, o bebê pode estabelecer um vínculo baseado no afeto, que servirá como ponte para a descoberta de um mundo de significados compartilhados. Teorias da psicologia do desenvolvimento discutem a gênese dos símbolos e a constituição subjetiva em um contexto intersubjetivo. Sugerem a existência de processos ativos por parte dos bebês no sentido de buscar um engajamento sócio-afetivo com seus cuidadores, a partir da observação de comportamentos de imitação neonatal e protoconversas. Uma relação de engajamento afetivo, onde o bebê possa alocar suas angústias no cuidador capaz de tolerá-las, metabolizá-las e devolvê-las transformadas e significadas, permite a entrada dos símbolos na experiência com a realidade externa e com a sua própria realidade interna. A simbolização torna-se, então, a capacidade que permite ao sujeito usar a experiência para aprender sobre si e sobre o mundo, e compartilhá-las com outros.

A habilidade narrativa, produto da capacidade de simbolização exerce a função de restauração do mundo interno e pode ser portadora de um potencial transformador. E, em muitos casos, é a própria finalidade de uma análise. Em “Estudos sobre a Histeria”, Freud indicou a atividade narrativa como meio de escoamento e alívio para o sofrimento psíquico.

“Uma das coisas mais integradoras e, portanto, de maior sustentação que podemos oferecer ao paciente é o poder dos símbolos verbais para conter e organizar pensamentos, sentimentos e sensações (...) Isto é, os símbolos ajudam a criar-nos como sujeitos” (Thomas Ogden, 1996, p.).

O estudo sobre a gênese do símbolo permite uma maior compreensão do enlace entre as dimensões verbais e não-verbais que permanecem vivas e atuantes na experiência clínica. As experiências sensoriais e emocionais primordiais, impossibilitadas de se desenvolverem, ficam congeladas no corpo e nas ações, sem a transição para o campo psíquico e permanecem como “memórias em sensações”, segundo Melanie Klein. A transformação destas experiências em símbolos representa a possibilidade de transição, de escoamento e expressão. A terapia psicanalítica se apresenta como oportunidade privilegiada para a reatualização das experiências iniciais e para a restauração da capacidade de formação de símbolos.

Sendo assim, este tema contribui também para uma discussão no âmbito da técnica psicanalítica. Entende-se que as relações de objeto iniciais configuram a matriz experiencial do sujeito e, portanto, permanecem vivas e atemporais, sendo reeditadas no campo transferencial. A partir da perspectiva kleiniana de posições, compreendemos que estas correspondem, não apenas a estágios do desenvolvimento cronológico, mas a dimensões da experiência que se mantêm em relação dialética entre si. A posição autística-contígua corresponde à dimensão pré-simbólica da experiência onde predominam as sensações; a posição esquizo-paranóide como a dimensão em que predominam as equações simbólicas e uma precária discriminação entre o eu e o outro; e a posição depressiva, forma de organizar a experiência com maior intermediação simbólica. O tema da técnica psicanalítica, pelo viés da compreensão da matriz experiencial a partir das formas simbólicas que surgem na intersubjetividade entre analista e analisando, poderia ser um futuro campo de estudo.

Alguns conceitos poderiam ser explorados futuramente como um campo fértil para discussões interdisciplinares, tal como o conceito de representação em Freud e sua evolução em autores pós-freudianos, como André Green e Antonio Imbasciati. Os símbolos

compreendidos como matéria prima para as sublimações apontam para o tema da criatividade e realizações artísticas. A arte corresponde a uma das principais formas simbólicas construídas pelo homem para compreender a si mesmo e o universo. O teatro, uma das formas simbólicas de expressão, comunicação e compartilhamento das experiências emocionais, configura-se como tema de grande interesse para uma pesquisa futura.